

PARA SEMPRE MEU! - REFLEXÕES ACERCA DA DECISÃO DO ADOLESCENTE EM NÃO DESCARTAR BRINQUEDO DE INFÂNCIA.

Larissa Ruiz Golemba de Britto, UEM, larissargbritto@gmail.com.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é compreender se, e o porquê algum(ns) brinquedo(s) são guardados após o final da infância. Para responder à essa questão de pesquisa, este estudo teve como suporte teórico, diálogos com estudos de cultura de consumo quanto à posse amada e os aspectos que são relacionados quanto à decisão de descarte de bens. Foram realizadas 10 entrevistas fenomenológicas com adolescentes de 12 a 18 anos. Os dados qualitativos foram analisados por meio da análise de conteúdo. Os resultados mostram que os brinquedos da primeira infância são os menos descartados, e que a relação de apego do adolescente com estes foi construída por meio do amor e das boas lembranças que muitas vezes foram contadas pelos pais, e até parentes próximos já que nessa época a criança era muito pequena e não se recorda do ocorrido. Sendo assim, a pesquisa tem a sua relevância aos estudos de cultura e consumo ao revelar um comportamento ainda desconhecido acerca da decisão do não descarte dos adolescentes. Além de contribuir com a teoria quanto à posse especial do adolescente, e o não descarte. Sobretudo, empiricamente, os resultados podem auxiliar aos varejistas formarem ações de marketing mais precisas acerca da relação da criança com um brinquedo especial.

Palavras chave: Cultura e Consumo; Posse especial; Descarte.

1 INTRODUÇÃO

Brincar é uma atividade que faz parte da rotina das crianças e que independe de grupo social ou cultura à qual essas pertencem, podendo ser desenvolvida tanto por brincadeiras entre indivíduos ou entre indivíduos e objetos (ESTÁCIO, 2013). No entanto, essa atividade vai se afastando do cotidiano da criança com o início da juventude, quando a menina, por exemplo, deixa de lado a sua boneca e começa a se preocupar com passar batom e pintar as unhas, e o menino abandona o carrinho, e começa a prestar atenção na beleza da amiga da escola.

A adolescência, ou juventude é caracterizada pela passagem entre a infância e a fase adulta período no qual segundo a Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990, Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, ocorre dos 12 aos 18 anos, e é importante para o desenvolvimento do indivíduo, bem como a sua personalidade. É nessa fase que os adolescentes obtêm, progressivamente, a sua independência social por meio de diferentes comportamentos, dentre os quais, muitas vezes, estão relacionados ao consumo (RIBEIRO, 2005).

A relação entre comprar e consumir oportuniza diferentes escolhas, como a posição de manter ou se desfazer de posses. Nesse sentido, considerando a realidade em que a criança vive não o brinquedo é um relevante objeto de consumo, mas na fase da adolescência esse perde o seu valor lúdico porque não representa concretamente seus pensamentos, valores (ALMEIDA, 2003). À vista disso, este artigo tem como tema a escolha do indivíduo em não descartar uma posse (JACOBY et al., 1977), que já não lhe apresenta mais utilidade funcional original, para tanto os brinquedos foram escolhidos como objeto de estudo.

Wajskop (2007) complementa essa ideia ao explicar que o brinquedo é o objeto de uso próprio da infância, cuja ação lúdica é decorrência. Perante isso, surge a percepção de descarte do brinquedo no período da adolescência já que o brinquedo não propicia mais a imaginação e a criação de diferentes pensamentos e valores. Mas será mesmo que há o total descarte dos brinquedos na adolescência? É nesse sentido que a escolha dos brinquedos ocorre, pois ao estudar diferentes objetos torna-se possível analisar a construção de identidade social sob diferentes grupos (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004), uma vez que os objetos são responsáveis por demarcar diferentes fronteiras quanto aos gostos, faixas etárias e estilos de vida dos indivíduos. Posto isso, alguns questionamentos motivaram a investigação, como: Quais são os aspectos que influenciam a escolha do adolescente em não descartar um

brinquedo de infância? Nesse cenário, definimos o objetivo buscando compreender o porquê os adolescentes mantêm algum(ns) brinquedo(s) de infância.

Quanto às contribuições teóricas, empreende um esforço para avançar na pesquisa de estudos de cultura e consumo, especificamente quanto às escolhas do indivíduo em manter uma posse, pois essa demonstra ter um apego especial para o adolescente (BELK, 1988; AHUVIA, 2005). Empiricamente trata-se de um estudo que até então não havia lançado um olhar sobre um fenômeno cuja dinâmica envolve indivíduo na vida pré adulta e como esses se relacionam com objetos durante a nova construção de identidade (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004).

Para alcance do objetivo proposto, partimos inicialmente das discussões sobre o brinquedo favorito na infância e como houve a escolha do descarte dos brinquedos no decorrer da adolescência, desse modo compreendeu-se que houve a escolha pelo não descarte, usada aqui como uma opção acerca da compreensão da escolha do manter um brinquedo em especial em sua posse, que para os entrevistados será levado por toda a vida. Em seguida são expostos o referencial teórico que guiou a análise de tal comportamento, bem como os procedimentos metodológicos, a apresentação dos resultados e considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A posse amada e o eu estendido

As pessoas, muitas vezes, entendem a relação com o objeto resumindo-se a tomar posse, na qual características como funcionalidade e facilidade de troca são valorizadas. No entanto, Belk (1988) afirma que o indivíduo não consome o objeto tão somente por sua utilidade, mas principalmente por seu significado. Belk (1988) defende que alguns objetos podem cumprir a função de conectar indivíduos a experiências passadas, às quais a cultura familiar e o meio em que o indivíduo vive podem ser representados por meio do uso de objetos. Dessa forma, o significado de posse especial pode ocorrer com qualquer objeto, desde que esse possa representar/lembrar uma história em que há uma relação abstrata relevante.

Para Ahuvia (2005) essa construção de significado não é o suficiente para entender o consumo de bens, uma vez que essa relação deve ser compreendida por meio das relações sociais existentes entre os indivíduos. O autor explica que existem determinadas posses com as quais os indivíduos se apegam de tal forma que essas podem ser chamadas de posses amadas (AHUVIA, 2005). As posses consideradas amadas (AHUVIA, 2005) são consideradas por

Belk (1988) como posses especiais. Essas posses, para ambos autores, têm um importante papel de auxiliar na estruturação dos relacionamentos sociais.

Para Ahuvia, (2005) e para Belk (1988) as pessoas utilizam o consumo para manter o seu senso de identidade ao longo do tempo, ao ponto que esses definem ou até mesmo redefinem relações e identidades do indivíduo. A este exemplo, há o estudo de Perpétuo e Pépece, (2016) que ao estudarem sobre o descarte de roupas infantis perceberam que algumas peças não são descartadas por revelarem a relação de amor existente entre as crianças com algumas peças.

Sobre “posses especiais e o eu estendido” Belk (1988, p. 139) apresenta maior detalhamento do apego às posses e afirma que “os consumidores fazem uso de determinadas posses para ampliar e reforçar o seu senso de eu”. Ahuvia (2005) afirma que as posses amadas auxiliam a reduzir a tensão entre a identidade passada e a nova identidade do indivíduo, essas, portanto, conforme Wallendorf e Arnould, (1988) reforçam para o indivíduo a mudança, e ajudam a comunicá-la para a sociedade ao externalizarem, visualmente esses sinais desta mudança.

Além disso, as posses amadas podem ser aquelas que transmitem segurança ao indivíduo, como no caso do cobertor que as crianças elegem como companhia para levá-lo onde quer que vão (WALLENDORF; ARNOULD, 1988). O estudo de Britto et al, (2017) também observou o aspecto da proteção quanto ao consumo do objeto escapulário, que muito além do seu valor religioso transmitia segurança aquele que o usa. Também através do uso de acessórios as mulheres de baixa renda que Natt et al. (2017) que os consideram capazes de resgatar a autoestima do público feminino ao sentirem-se mais convenientes de se relacionar e envolver as pessoas ao seu redor. Nesse sentido, é possível perceber que algumas posses auxiliam na construção da identidade do indivíduo, essas, portanto, reforçam o eu individual e também ajudam na comunicação do eu social (Belk, 1988).

2.2 A escolha do não desfazer

“A juventude é caracterizada por um processo de constante mutação e transitoriedade, em que pensamentos, sentimentos e comportamentos são efêmeros e passageiros [...]” (LIMEIRA, 2013, p. 202). A ideia de que a adolescência é um momento de transições, às vezes difíceis e conturbadas é difundida (CARVALHO, 2002). Os adolescentes, são vistos por meio de uma constante necessidade de desenvolver uma personalidade as quais essas muitas vezes são consequência das diferentes escolhas realizadas (CARVALHO, 2002; LIMEIRA, 2013).

A fase da adolescência é vista como uma etapa da vida, sendo essa centrada nas transformações, sobretudo marcada com realinhamentos físicos, hormonais e emocionais (CARVALHO, 2002). Primariamente é um processo biológico e constitui um período no qual o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade são acelerados (LIMEIRA, 2013). Essa é a fase de transições que na qual o adolescente busca por afirmativas quanto à sua personalidade, que por sua vez está sendo construída.

Perante a construção da identidade que está se formando na adolescência, esses são altamente estimulados ao consumo. É como se o capitalismo os elegessem como seus clientes preferenciais (EISENSTEIN, 2005). Assim, as reflexões acerca de como esses indivíduos se relacionam com os bens de consumo oportuniza conhecer as diferentes escolhas que podem estar além da compra, como por exemplo a opção do desfazer, ou não de um bem querido.

Nesse contexto, consumir propicia diferentes escolhas das quais perpassam por um o processo de decisão de compra. Segundo Blackwell, Miniard e Engel (2005) o processo de decisão de compra do consumidor perpassa por um Modelo do Processo de Decisão do Consumidor, no qual revela como diferentes forças internas e externas, e como essas influenciam e afetam como os consumidores pensam, avaliam e agem.

Para tanto, o referido modelo, proposto pelos autores, apresenta sete estágios pelos quais os consumidores perpassam na tomada de decisão: (1) reconhecimento da necessidade; (2) busca de informações; (3) avaliação de alternativas pré-compra; (4) compra; (5) consumo; (6) avaliação de alternativa pós-compra; e o última etapa e foco do trabalho, o (7) descarte (BLACKWELL; MINIARD; ENGEL 2000). Conforme o Modelo do Processo de Decisão do Consumidor, segundo Blackwell, Miniard e Engel (2005), o presente artigo considerará dentre as etapas de compras o descarte.

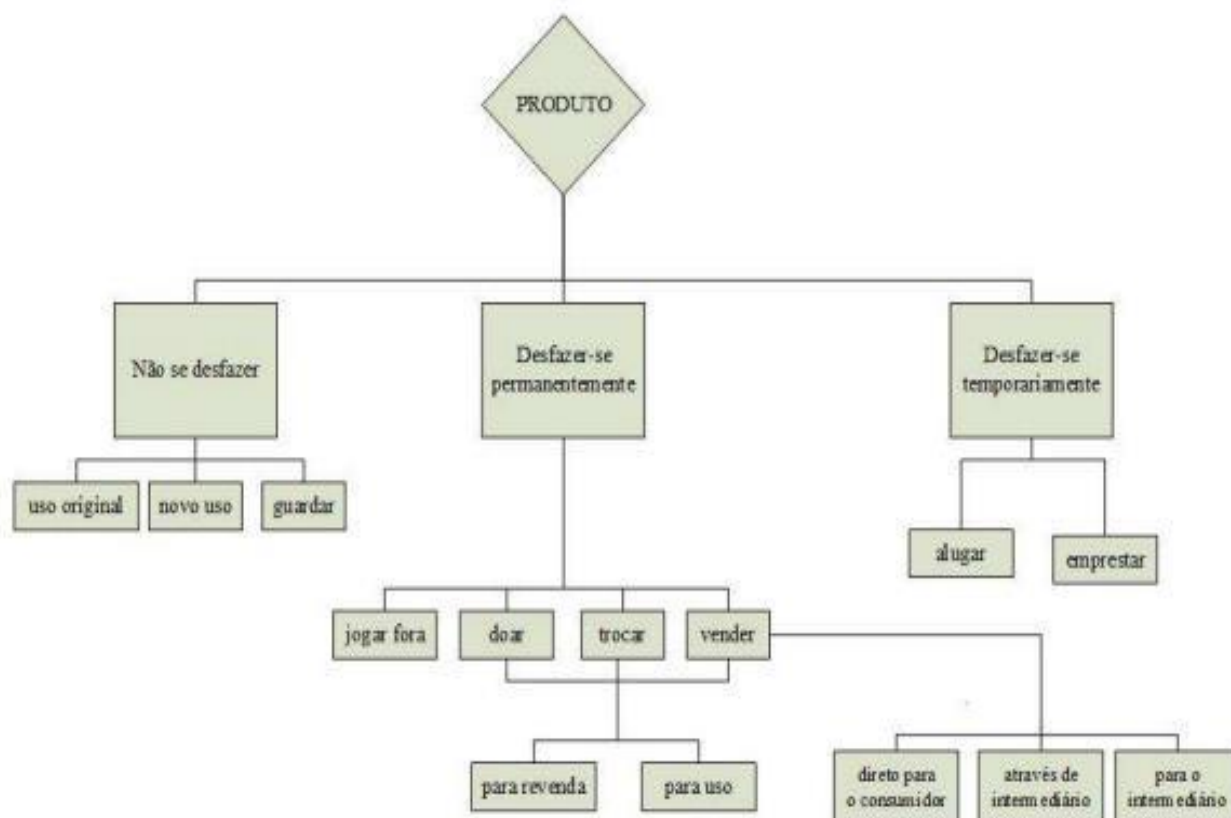
Young e Wallendorf (1989) afirmam que descartar é como um processo, mais do que um evento discreto. Para as autoras trata-se do processo físico e emocional, no qual os consumidores se desligam fisicamente do produto, mas também dos significados relacionados ao objeto. Young e Wallendorf (1989, p.34) afirmam, portanto, que o descarte seria o “processo de descolamento da identidade”.

Nesse sentido, Jacoby et al. (1977), um dos primeiros estudiosos sobre o tema, como também Perpétuo e Pépece, (2016) e Suarez et al. (2011) que estudaram sobre o descarte é percebido que esse comportamento descreve uma taxonomia por parte dos consumidores. Essa relação

expõe, conseqüentemente, o destino escolhido pelo consumidor para a posse em que a escolha pode ser vista não somente por meio do desfazer-se pelo do afastamento indivíduo e a posse, mas também pela opção do não se desfazer (Figura 1).

Conforme a seguir na figura 1, Jacoby et al. (1977) descreve que o consumidor possui três opções quanto ao descarte do produto, dentre essas há: i) Não desfazer, isto é, há escolha do manter o produto (utilizando-o; ou utilizando-o com outra finalidade; ou guardando para um possível uso futuro), ii) desfazer-se permanentemente (abandonar, jogar fora; doar; trocar; ou vender), e por fim, iii) desfazer-se temporariamente (alugar; ou emprestar) (LIN; CHANG, 2013; PERPÉTUO; PÉPECE, 2016).

Figura 1. Opções de descarte pelo consumidor



Fonte: JACOBY, Jacob; BERNING, Carol K.; DIETVORST, Thomas F. What about disposition?. The Journal of Marketing, p. 22-28, 1977. Recuperado em 15 setembro de 2017. <http://journals.ama.org/loi/jmkg>.

Young e Wallendorf (1989) questionam a taxonomia proposta por Jacoby, et al (1977), considerando as opções de manter, estocar, alugar ou emprestar como opções de uso, não de descarte. Entretanto, reconhecem que tais escolhas poderiam se situar no que elas chamam de

comportamento de pré-descarte, onde os consumidores iniciam o processo de se desvincular física e emocionalmente dos produtos (SUEGO, 2010). Dessa forma manter é assim entendida aqui como continuar usando um produto, ou convertê-lo para outro propósito, ou ainda armazenar para uso posterior. Suarez et al. (2011) entendem que Jacoby et al. (1977) define descarte de forma genérica e propõem o emprego do termo no seu sentido mais amplo, incluindo, no ato em si, o processo físico e emocional do objeto.

Para tanto o presente estudo abordará o tema objetivando compreender a escolha do não desfazer como um processo físico, o que levou a escolha do adolescente em não descartar o brinquedo de infância, demonstrando principalmente quanto ao envolvimento emocional com do indivíduo com o objeto (JACOBY et al., 1977, LIN; CHANG, 2013; PERPÉTUO; PÉPECE, 2016; SUAREZ et al, 2016).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo possui o caráter qualitativo e a natureza descritiva uma vez que esse objetivou compreender por que os adolescentes mantêm algum(ns) brinquedo(s) de infância. Para tanto o artigo considerará dentre o descarte apenas o não descarte, isto é, por meio das entrevistas buscou-se compreender dos adolescentes a sua relação com o brinquedo da sua infância, explorando principalmente a relação existente em manter a sua posse.

A pesquisa foi realizada em um município da Região Sul do Brasil. A coleta de dados foi realizada durante seis meses no segundo semestre de 2017 por meio de entrevistas fenomenológicas (THOMPSON; LOCANDER; POLLIO, 1989; FICHER; CASTILHOS; FONSECA, 2014) com os adolescentes de 12 à 18 anos. A técnica adotada para a seleção dos entrevistados foi a de julgamento (MILES; HUBERMAN, 1994) A partir do julgamento, foi utilizada a técnica bola de neve (MILES; HUBERMAN, 1994), A escolha das idades foi estipulada segundo o ECA – Estatuto da criança e do adolescente, que afirma no Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Todas as entrevistas foram realizadas pessoalmente nas residências dos respectivos investigados. Essa escolha ocorreu tendo em vista a oportunidade de conhecer o brinquedo da infância guardado bem como a oportunidade de conhecer as histórias *in loco*. As entrevistas tiveram, em média a duração de 90 minutos, foram gravadas e posteriormente transcritas na

íntegra, totalizando 42 páginas de transcrições. Para maior especificidade, segue abaixo alguns aspectos quanto aos respondentes, identificados com nomes fictícios afim de preservar a identidade dos envolvidos.

Tabela 1: Perfil dos Informantes da pesquisa

INFORMANTE	IDADE	SEXO	ESCOLARIDADE	BRINQUEDO.
Júlia	12 anos	F	Sexto ano do ensino fundamental	Boneca tipo Bebê.
Natália	13 anos	F	Sétimo ano do ensino fundamental	Ursinho de Pelúcia.
Lorenzo	13 anos	M	Sétimo ano do ensino fundamental	Aviãozinho.
Mateus	14 anos	M	Oitavo ano do ensino fundamental	Robô
Felipe	15 anos	F	Nono ano do ensino fundamental	Cachorro de Pelúcia.
Bianca	16 anos	F	Primeiro ano do ensino médio	Bonecas Pôneis
Beatriz	16 anos	F	Primeiro ano do ensino médio	Urso de pelúcia
Tiago	17 anos	M	Segundo ano do ensino médio	Boneco
Gabriela	18 anos	F	Terceiro ano do ensino médio	Boneca Barbie
Gabriel	18 anos	M	Terceiro ano do ensino médio	Carrinho

Fonte: criada pela autora.

Os brinquedos foram o fio condutor das entrevistas fazendo com que os investigados contassem desde a infância quanto ao brinquedo favorito, até aos dias atuais se esses ainda brincavam com tais brinquedos. Os brinquedos, foram aqui tratados, como aquele objeto com que a criança brinca, podendo ser, de montar, ou jogar, usado especialmente para a distração quanto à uma brincadeira lúdica da criança.

Os dados qualitativos ao serem analisados por meio das entrevistas fenomenológicas (THOMPSON, 1997) possibilitaram uma série de interações, essas porquanto foram analisadas primeiramente cada parte, e depois com o todo. Conforme Thompson (1997) especifica o processo interativo foi realizado em dois estágios. Primeiramente as entrevistas foram transcritas, lidas, relidas e analisadas para a compreensão quanto às escolhas de cada

informante. Posteriormente, como em um segundo estágio, foi possível identificar as peculiaridades quanto aos aspectos similares e quanto às oposições dos entrevistados.

Assim, por meio da coleta de dados houve a descrição e a compreensão acerca das práticas de consumo dos informantes. O objetivo foi começar com questões mais gerais sobre consumo, das quais permitiram a realização de perguntas subsequentes relacionadas ao uso, bem como o descarte, chegando até as escolhas relacionadas ao não descarte.

Assim, a priori, foi percebida uma convergência de atitudes quanto aos adolescentes investigados das quais são pontuadas a seguir: i) Todos os respondentes afirmaram não terem mais interesse em comprar qualquer brinquedo, uma vez que não brincavam mais “[...] *com esse tipo de brinquedo*[...]”, fazendo a referência aos brinquedos de infância; ii) As escolhas relacionadas a brincadeiras, atualmente, estavam envolvidas a jogos digitais e aplicativos de entretenimento; iii) Mesmo não mais brincando com os brinquedos todos os entrevistados afirmaram guardar algum(ns) brinquedo(s) da infância. A seguir são apresentados os resultados obtidos por meio dos dados coletados.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise do presente artigo respaldou-se nas fases da análise categorial temática de Bardin (1979), conforme descrita nos procedimentos metodológicos. Depois de realizada a transcrição integral das entrevistas, a leitura flutuante foi feita para delimitar o *corpus* de pesquisa. Para aumentar a validade da pesquisa as transcrições das entrevistas foram lidas pelas duas pesquisadoras e a definição das categorias se deu à partir de discussões. Todos os entrevistados adolescentes explicaram que ainda guardam um brinquedo da sua infância e a partir de tal afirmação as questões seguintes destinaram-se a compreender quanto a escolha do não descarte deste brinquedo e assim perceber comportamentos acerca desta escolha.

5.1 O brinquedo favorito na infância

Logo no início da entrevista os participantes foram convidados a contar um pouco acerca da sua infância fazendo-os refletir à respeito do que mais gostavam de fazer, e principalmente com o que mais costumavam brincar. O objetivo, a priori, era fazer com que os entrevistados

relembrassem a infância para que a relação com o brinquedo que mais gostavam para que assim pudesse ser compreendida a relação desde a sua origem.

No entanto, foi observado por meio das falas, que a relação dos entrevistados e do brinquedo que mais gostava de brincar na infância, havia sido encerrada. Uma vez que “*o favorito da infância*” foi para a opção de **descarte permanente**. Isto é, não houve nenhuma referência à opção do manter quanto ao brinquedo que o adolescente mais brincava na infância. A opção do descarte permanente (abandonar, doar ou vender) foi afirmado em todas as entrevistas.

Neste caso, observou-se que o brinquedo que era o favorito na infância cumpriu a função na fase infantil do adolescente, e que esse brinquedo como não tinha mais utilidade no brincar foi descartado. Foi percebido, para tanto, que este brinquedo, foi descartado, pois ao entrar na fase de pré adulta houve a ideia de construção da identidade (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004), que conseqüentemente perpassa por alguns abandonos, e ocasionou o abandono do brinquedo, até então favorito. A evidência descrita pelos jovens demonstra que conforme as crianças vão crescendo e distanciando das brincadeiras porque entraram na fase da adolescência promovem o descarte de alguns objetos como os brinquedos que mais brincavam, pois esses o ligam a uma fase não mais querida, a infância.

Complementar a isso, Ahuvia (2005) destaca que a construção de significado não é o suficiente para entender o consumo de bens, uma vez que, para isso deve ser levado em conta as relações sociais entre os indivíduos. Nesse sentido, observou-se que a partir do momento em que as relações sociais se distanciam da infância, há assim o rompimento dos indivíduos com esse universo infantil. Visto, portanto, que, atualmente, para esses jovens, os brinquedos que mais brincavam foram descartados. Essa relação é apontada também por Belk (1988), ao explicar que isso ocorre porque o objeto deixou de cumprir a função de conectar indivíduos, neste caso o seu grupo, até então, infantil, conforme descrito nos trechos das entrevistas:

Natália, 13 anos: “*ah minha brincadeira favorita era brincar com boneca, aquelas tipo bebê sabe? eu amava! [...] Aí depois fui crescendo e na verdade nem sei onde foram parar, acho que algumas muito velhas foram para o lixo (risos).*”

Mateus 14 anos: “*Eu gostava de jogar bola, mas acho que a minha brincadeira favorita mesmo era com os carrinho, tipo hot wheels sabe? [...] nossa brincava horas [...]Hoje eu nem tenho mais nenhum.. foram todos para o meu irmão, eu não gostava mais aí eu dei para ele[...].*”

Gabriela, 18 anos “*A minha brincadeira favorita era brincar de polly, mas daí quando minha sobrinha nasceu, porque minha irmã foi mãe bem nova, eu dei tudo para ela brincar, e ela também adora.*”

E por fim, Bianca de 16 anos: “*Quando eu era criança eu tinha um ursinho de pelúcia do Barnei que era o meu favorito, nossa eu amava ele, andava para todo o lado com ele, nossa eu nem sei o que a minha mãe fez com aquele Barnei, deve ter perdido em alguma mudança... coitado (risos).*”

Neste sentido, foi observado que em todas as entrevistas o brinquedo, ou a brincadeira que mais gostavam na época da infância não era o brinquedo que haviam guardado. Ao serem questionados se tiveram a opção de guardar esses brinquedos, responderam que sim. Mas que não houve nenhuma questão deste ato, já que o brinquedo especial que os adolescentes procuraram guardar, não era, e não é em nenhum dos casos o brinquedo favorito na infância. Portanto, os achados nas entrevistas convergiram com os autores Douglas e Isherwood, (2004) quanto a construção de identidade do jovem e como essa se relaciona com o consumo que no decorrer da sua construção de adolescente busca desvincular-se daquele universo até então infantil. Além disso, reafirma as concepções já estudadas por Ahuvia (2005) e Belk (1988) acerca da relação com um objeto amado, ao serem percebidas por meio das falas que além da construção de identidade do jovem as relações sociais são responsáveis por moldar essa relação com o objeto amado. E neste caso, ao entrarem na fase da adolescência não fazem mais questão de manter essa relação com o brinquedo até então querido, já que as relações são outras, e que essa não mais remete ao universo infantil, e assim os objetos até então amados neste período também não.

5.2 O brinquedo amado e a escolha do não descarte

Corroborando com Belk (1988) quanto ao seu estudo acerca das “posses especiais e o eu estendido” uma vez que “os consumidores fazem uso de determinadas posses para ampliar e reforçar o seu senso de eu” (1988, p. 139). Beatriz 13 anos afirma “[...] *eu guardo uma casinha de boneca que ganhei do meu tio mais como recordação de um Natal muito feliz[...]; Mas eu também tenho um ursinho pequeno, esse ninguém pega, ele na verdade era do meu irmão e desde quando eu nasci a minha mãe conta que colocava o ursinho no meu berço para me acalmar por isso tenho ele até hoje.*

O brinquedo como qualquer outra posse passa pela escolha do não descarte. Nesse sentido, foi percebido pelas entrevistas que os adolescentes juntamente com as mães que foram apontadas como as que promovem o descarte aqueles brinquedos que devem ser guardados. Essa percepção corrobora com os achados de Perpétuo e Pépece, (2016) que observaram essa relação do descarte entre mães e filhos. Para tanto, dentre as escolhas do não descarte, ou seja, a escolha do manter, guardar o brinquedo, foi descrita como uma escolha feita entre mães e filhos que ao contarem as histórias das crianças com o tal brinquedo fazem a escolha pelo brinquedo que será guardado. Conforme Felipe de 15 anos afirma: *“A tipo assim.... se eu conseguir guardar, quero guardar para sempre mesmo, a minha mãe conta que eu sempre andava grudado com o meu cachorrinho pra todo lado que eu ia...[...]é porque eu tenho muito carinho mesmo.*

Ahuvia (2005) complementa a ideia da posse especial afirmando que as posses amadas também auxiliam a reduzir a tensão entre a identidade passada e a nova identidade do indivíduo, pois reforçam para o próprio indivíduo esta mudança. O brinquedo, portanto, quando não descartado ajuda a reforçar as boas lembranças passadas.

Notou-se nas entrevistas que todos os adolescentes tinham algum brinquedo que ainda guardavam da infância, e que esse era guardado por lembrar a primeira fase da infância. Fase essa que os entrevistados não lembravam, uma vez que eram muito pequenos, mas que os pais, principalmente as mães, ou um parente próximo o lembrava a sua história e assim esse era visto como participante em momento especial da infância.

Conforme as descrições, a lembrança acerca do brinquedo vem por meio especialmente das mães, ou parentes, que contam histórias que os envolvem com o brinquedo. Portanto, a escolha em manter o brinquedo ocorreu por causa da sua recordação especial, recordação essa que vem da primeira infância, isto é, quando o entrevistado tinha de 0 à 5 anos. Assim, por meio do estudo é possível afirmar que as mães são as influenciadoras mas que quanto à decisão do manter, essa é realizada pelo adolescente por causa da sua relação construída com o objeto. Essa concepção contraria a ideia de Suarez et al. (2011) de maximização de recursos trazida do benefício do descarte, uma vez que esse brinquedo não é descartado, mas sim guardado. Conforme visto nas entrevistas a seguir:

Júlia, 12 anos: *“tenho uma boneca, tipo bebê sabe, nossa eu tinha tudo para ela, roupa, sapato, tudo.. aí eu não joguei, e nem dei [...] na verdade, o que eu tenho hoje é só a boneca mesmo, sei lá eu quero guardar ela sempre comigo [...] Eu nem lembro quem me deu, mas a mãe conta que desde de pequena ela está comigo.. desde quando eu era bem pequena [...]Ah*

eu realmente nem lembro desde quando.. mas a minha mãe sempre conta que eu era colada na boneca pra cima e pra baixo [...]”

Natália 13 anos: *“eu tenho um **ursinho**, pequeno assim (gestos com a mão), ahhhh dele eu não me desfaço de jeito nenhum. A minha mãe conta que ele é o primeiro brinquedo que eu ganhei [...] Eu não tinha nem um aninho, foi ela e meu pai que me deram. Na verdade eles compraram assim que descobriu que estava grávida e então eu quis guardar comigo, quem sabe não dou para a minha filha também [...]*”.

Mateus 14 anos: *“A da época que eu era criança o que eu gosto de guardar é foto, e também tenho um **boneco**, daqueles “max steel”, que para mim vai ficar para o resto da vida [...] é que o meu pai me deu faz tempão, acho que foi em uma viagem que ele fez e me trouxe eu não lembro muito bem. Mas eu criei um laço, um sentimento forte assim porque eu era bem pequeno e foi um dos primeiros bonecos que meu pai me deu [...]eu era tão pequenininho mesmo tanto que eu nem lembro quando eu ganhei.*

Felipe 15 anos: *“[...]A eu tenho guardado umas roupas lá que a minha mãe guarda sei lá pra que ... e eu tenho também um **Robozão**, ele é meio que um robô (gesticula com as mãos) mais em pé assim, grande e tem umas armas, ele fica bem na estante do meu quarto, nesse meu irmão não mexe, eu guardo de recordação porque quando eu era bem pequeno, acho que eu tinha sei lá uns 2 anos eu ganhei [...] nem sei de quem para falar a verdade acho que foi minha mãe que comprou [...] ele é o brinquedo que eu quero guardar para a vida inteira ele é muito lindo e eu adoro ele. A minha mãe fala direto que é pra eu dar mas eu não pretendo dar, e nem jogar fora é uma ligação boa da minha infância sei lá e eu quero guardar [...]*”

Gabriela 18 anos: *“Eu tenho um **cachorrinho de pelúcia**, eu acho ele “lindoouoo”. Ganhei de uma amiga da minha irmã faz tempo ein, eu era bem pequena [...] não lembro a idade, mas sei que eu era pequena (risos). Ele fica lá no quartinho de bagunça. Até esses tempos atrás nós mudamos de casa, aí minha mãe perguntou se eu ia querer uns brinquedos lá que ainda estavam guardados aí eu falei.. “aaa deixa só o cachorro, e o resto pode dar” [...] É porque quando eu era pequena, eu só dormia abraçada com ele. Hoje não durmo mais, mas sei lá não quero me desfazer dele [...]*”

Bianca 16 anos: *“Tenho uns **pôneis**, do desenho “my little pônei”, sabe? Pode parecer meio estranho... (risos), mas eu e a minha melhor amiga brincávamos muito com os pôneis a gente*

tem tudo, tipo roupa, carruagem, castelo tudo... é um brinquedo que eu sou muito apegada. Na verdade a história é assim, a gente se conheceu no infantil (período escolar de 1 até 4 anos) por causa dos pôneis porque eu gostava e ela também aí ficamos amigas. Eu conto tudo para ela e ela tudo para mim, aí tem uma coisa bem sentimental sabe [...]nunca vou querer me desfazer deles. Minha mãe até fala que eles ocupam espaço no quarto porque eu deixo eles, alguns deles né porque são muitos na prateleira, mas eu gosto tanto que não tenho vontade de dar para ninguém”

Beatriz 16 anos: *“eu tenho um **ursinho** pequeno, que nossa eu nem lembro a história, mas a minha mãe conta que esse ursinho era do meu irmão e desde de quando eu nasci ela colocava o ursinho comigo aí eu tenho um amorzinho por ele [...]Eu lembro que ele sempre esteve comigo, acho que foi o meu primeiro brinquedo.”*

Neste contexto, ao entender o significado do vínculo emocional que consumidores estabelecem com suas posses se torna primordial para compreender o comportamento do consumidor, pois essas retomam um momento especial vivido especialmente quando o adolescente descreve que não deseja desfazer-se desse brinquedo querido já que remete a uma época feliz da infância. Conquanto percebe-se que o adolescente ao escolher não desfazer-se de um brinquedo de infância busca a extensão do eu por meio do controle e domínio da posse ao afirmarem que mesmo as mães muitas vezes apontam para a necessidade de desfazer do brinquedo o adolescente tem o domínio e escolhe não doá-la. Nesse sentido foi percebido que a relação do adolescente com o brinquedo amado provê um senso de passado e presente que o auxilia na compreensão quem é, de onde veio, e talvez, também de futuro, para onde irá, por meio do qual a escolha do manter promove um senso do não esquecimento do momento feliz vivido com o brinquedo que era até então muito apegado na infância. O brinquedo é, portanto, guardado por uma escolha do adolescente que escuta e relembra as histórias dele vividas com o brinquedo e que faz a escolha de não doá-lo porque ao seus olhos esse brinquedo é lindo, e possivelmente outra criança não perceberá a importância que o brinquedo o tem.

5.3 Guardado para ninguém mexer

Além disso, a pesquisa evidencia quanto ao descarte, que essa escolha é definida pelo adolescente, uma vez que cabe a ele identificar os brinquedos e opinar quanto àquelas que gostaria de manter ou não, assim resta a mãe tão somente a validação sobre a decisão dos

filhos. Esses brinquedos normalmente são guardados na casa dos entrevistados e, principalmente no quarto, dentro do armário, conforme os entrevistados descreveram:

Beatriz 16 anos: *“o meu ursinho fica guardado dentro do armário “aaaaahhh” ninguém mexe nele ... (risos) sempre que eu abro o armário eu vejo ele, é bom que ele fica lá porque assim não tem risco de ficar sujando pegando pó, sei lá né.. (risos)”*

Júlia, 12 anos: *“a boneca fica no fundo do meu armário, no chão mesmo... sei que não é um bom lugar para guardar... mais pelo menos lá eu sei que ninguém mexe, principalmente minha irmãzinha que mexe em tudo ... lá ele está guardado com amor (risos).”*

Esses achados corroboram com os estudos de Wallendorf e Arnould (1988) no qual afirma que as posses amadas podem ser aquelas que transmitem amor e segurança ao indivíduo. Uma vez que os brinquedos são mantidos próximo aos entrevistados, como por exemplo, na estante do quarto de dormir, ou em uma caixa embaixo da cama, com o objetivo “de estar perto”. Observado tais evidências como a entrevistada Natalia de 13 anos que afirma dormir com o ursinho, somente quando vê filme de terror, pois assim se sente segura.

“Eu guardo ele embaixo da minha cama, tipo tem uma caixa lá com umas coisas minhas que ninguém mexe, aí eu guardo ele lá. Na verdade, eu nunca mexo. Só mesmo quando assisto filme de terror [...] Nossa aí eu tenho que dormir com ele, sei lá sabe ele cuida de mim (risos)”.

Felipe de 15 anos *“A minha mãe sempre fala, tira esse robô daí, dá para alguém logo, ela diz isso porque ele é meio grande e fica na estante assim, no meu quarto perto dos livros [...], [...] a mais eu não quero dar para ele não, deixa ele lá quietinho cuidando do quarto (risos).”*

Quanto a escolha do **não descartar** (JACOBY et al., 1977), isto é, manter foi identificado que continuar usando o produto, ou convertê-lo para outro propósito, ou ainda armazenar para uso posterior. Como evidenciado pelos entrevistados a ação do manter tem como objetivo principal de armazenar para uso posterior e não para convertê-lo para um outro propósito, ou ainda de usar o brinquedo. Há assim, a intensão de dar para um, possível filho e até mesmo sobrinho é apontado nas falas. Conforme descreve os entrevistados.

Júlia 12 anos: “*Eu guardo a minha boneca porque eu realmente quero dar para a minha filha. Imagina que legal? Ela tá meio velinha, mas nossa ia amar ver a minha filha brincando com ela*”.

Natália 14 anos “*A o meu ursinho, vai me acompanhar para o resto da vida, até quando eu casar, vai ter uma caixa embaixo da minha cama e ele vai ficar lá [...] quem sabe um dia eu dou pra minha filha (risos)*”

Mateus de 14 anos “*Ixi, o meu boneco, nossa esse não dou não [...] a nem empresto para ninguém [...] Gosto dele ein, ele tá novinho, fica lá no fundo do meu armário, guardadinho ninguém “rela”, vai ficar comigo por muito tempo ainda [...].*”

Felipe de 15 anos “*A tipo assim.... se eu conseguir guardar, quero dar pro meu filho sabe? Ia ser legal...*”

Gabriela 18 anos “*A eu adoro aquele cachorro ele é fofo, mas sei lá se a minha sobrinha quiser ele claro que eu dou né (risos) ele tá lá e já sobreviveu a uma mudanças [...] vamos ver quanto tempo ele ficará comigo (risos).*”

Bianca de 13 anos “*Olha eu acho que os meus pôneis nunca vão ser doados não, eu quero guardar até ficar adulta, sei lá... eles já ficam em uma caixinha no meu armário assim (gestos) e que ninguém mexe.. deixa lá (risos) Eu penso que se um dia eu tiver uma filha aí sim eu vou dar.. mas por enquanto não ”.*

Beatriz 13 anos, “*então [...] a casinha de boneca que eu guardo, porque eu adoro, não deixo ninguém pôr a mão, porque eu tenho tudo inteiro ainda sabe e quero guardar, sei lá para dar para a minha filha. E o ursinho, a eu quero ele sempre comigo, fica na minha estante e é a única coisa que eu tenho de criancinha então também nunca vou dar, não, poxa vida ele é tão lindo e as vezes para outra criança ele não vai ter o mesmo significado de amor que tem pra mim entende? [...]*”

Quanto às reflexões na escolha de ainda guardar um brinquedo de infância é visto a intensão dos adolescentes de guardar um brinquedo “*de quando era pequeno*” visto que a maioria dos brinquedos foram ganhados na primeira infância (0 à 5 anos). Sobretudo, há conexão muito além do brincar, mas sim o brinquedo foi guardado por recordar a infância, e que para os entrevistados possibilitará uma possível conexão com a infância do seu filho(a), ou de um parente querido. Logo, a ideia de conexão com o passado perpassa por uma preocupação de

conexão do passado com o futuro conforme apostado por Belk (1988) acerca da extensão do eu, e isso faz com que o adolescente não tenha a intenção de desfazer-se permanentemente ou temporariamente do seu brinquedo querido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desenvolver esta pesquisa, foi possível ampliar o entendimento acerca das opções quanto ao descarte de produtos (JACOBY et al., 1977; SUAREZ et al., 2011; GARCIA; CAGNIN; ZANETTE, 2016; PERPÉTUO; PÉPECE, 2016) expondo principalmente a opção da escolha do não desfazer, em outras palavras, acerca da opção do adolescente em guardar, manter um brinquedo da infância. Sendo assim, para atender o objetivo desta pesquisa buscou-se compreender a dinâmica que leva à decisão do não descarte. Portanto, foram descritas as etapas do processo decisório do consumidor, bem como as perspectivas de diferentes autores acerca do descarte como a explorada por Suarez et al, (2014) e Perpétuo e Pépece (2017) que evidenciaram acerca do tema trazendo as percepções quanto a necessidade do desfazer, pois tal escolha leva a maximização de recursos o não acúmulo e a liberação do espaço. Tal perspectiva contraria a ideia trazida neste artigo no qual o brinquedo é sim guardado uma escolha realizada pelos adolescentes, e por mais que haja, em alguns casos, a solicitação para que esse seja descartado o mesmo não ocorre.

Nota-se também que no cenário atual de pesquisas, quanto ao contexto em que estudo foi realizado entre a escolha do manter essa perspectiva não é descrita em outros estudos acerca do tema descarte. Sendo assim, esse artigo propõe-se a trazer as primeiras evidências acerca do tema. Além disso, conforme os autores trabalhados Douglas e Isherwood (2004), Ahuvia (2005), e Belk (1988) foi percebido que dentre as escolhas, especialmente, a escolha do não descarte de uma posse, é um processo que contribui diretamente para a construção da identidade do consumidor, que mesmo construindo uma “nova identidade” pré adulta ainda tem o apego a uma posse que recorda um momento feliz da infância. Caracterizando assim a contribuição principalmente, do manter enquanto agente de socialização para o consumo.

Como contribuição teórica, Belk (1988) e Ahuvia (2005) expõem a importância dos objetos que são mantidos, evidenciando quanto às reflexões acerca da escolha realizada pelo adolescente que tem a influência da família em especial das suas mães, mas que quanto ao brinquedo querido fica evidente que essa escolha parte tão somente da decisão do adolescente.

De modo complementar por meio das entrevistas foi percebido que o brinquedo guardado não era aquele mais querido ou o que mais brincava na infância, mas sim era o brinquedo mais antigo, em outras palavras, era o brinquedo da primeira infância. O apego a esse brinquedo foi percebido por meio das histórias relatadas por parentes próximos que então por isso o adolescente fez questão de manter esse brinquedo guardado. Além disso, muitos entrevistados descreveram que o brinquedo além de ser “lindo” e relembrar uma época feliz, também eram guardados por relembrarem um senso de proteção, e amor vivido no passado, mas que ainda é vivenciado até hoje. Ademais, foi percebido por meio das entrevistas que há um futuro senso de reutilização quanto ao objeto especial uma vez que esse está sendo guardado para doá-lo para um possível filho, ou sobrinho.

Acerca das limitações este estudo evidencia que seria importante conhecer a percepção dos pais, e em especial da mãe, visto que é ela a responsável pelo descarte em casa (PERPÉTUO; PÉPECE, 2016), neste caso seria importante identificar se elas possuem a mesma percepção quanto a esse brinquedo da infância que é guardado. Sendo assim como sugestões às pesquisas futuras, além da compreensão deste comportamento pelo ponto de vista das mães propõem-se estudar mais acerca da escolha do manter em relação a outros objetos, roupas, sapatos e acessórios da infância.

Por fim, buscou responder a pergunta: Como e porque os adolescentes escolhem manter um brinquedo da infância? Nesse sentido, portanto, percebeu-se que há uma combinação de decisões das quais envolvem a relação afetiva com o brinquedo, que principalmente prioriza o tempo em que o brinquedo se encontra na vida do jovem, bem como o amor, e o senso de proteção que esse brinquedo o remete. Sendo assim, apesar dos papéis das crianças e dos adolescentes serem distintos, há uma complementaridade de identidade acerca dessa decisão de manter, pois os jovens ainda creem na influência desse objeto em suas vidas. Sobretudo, mesmo havendo diferentes razões para que os adolescentes descarte permanente, ou temporariamente o brinquedo amado, é salutar o desejo de mantê-lo próximo, em especial guardado em seu quarto, ou no seu armário estabelecendo assim a conexão com fase vivida, a infância.

7 Referências

- ALMEIDA, P. N. de. **Educação lúdica. Técnicas e jogos pedagógicos**. 11ª edição. São Paulo: Loyola, 2003.
- AHUVIA, A. C. Beyond the extended self: Loved objects and consumers' identity narratives. **Journal of consumer research**, v. 32, n. 1, p. 171-184, 2005.
- BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. Perspectiva: São Paulo, 1973.
- BELK, R. W. Possessions and the extended self. **Journal of consumer research**, v. 15, n. 2, p. 139-168, 1988.
- BLACKWELL, R. D.; MINIARD, P. W.; ENGEL, J. F. **Comportamento do consumidor**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.
- BRITTO, L. R. G; PÉPECE, O. M. C; MIRANDA, A. P; CAMILO, E. Religious Scapular and Devotion: Extended Self and Sacralization. In: **Conference of the Association for Consumer Research**, 2017, Cali. Latin America Advances in Consumer Research, 2017. v. 6.
- ESTÁCIO, M. M. UM OLHAR SOCIOLÓGICO SOBRE A CRIANÇA E O BRINCAR: ESPAÇO E TEMPO DE CONSTRUÇÃO, REINVENÇÃO E APRENDIZAGEM. **Revista Inter-Legere**, v. 1, n. 7, 2013.
- DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.
- EISENSTEIN, E. **Adolescência: definições, conceitos e critérios**. *Adolescência e Saúde*, v. 2, n. 2, p. 6-7, 2005.
- FISCHER, E.; CASTILHOS, R. B.; FONSECA, M. J. Entrevista qualitativa na pesquisa de marketing e do consumidor: abordagens paradigmáticas e orientações. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 13, n. 4, 2014.
- GARCIA, S. F. A.; CAGNIN, B. C.; ZANETTE, M. C. O descarte sob a ótica da teoria da cultura do consumo: Práticas colaborativas e a formação do eu estendido. Congresso Latino Americano de Varejo. 2016. São Paulo. **Anais..Biblioteca FGV**. São Paulo: clav, 2016.
- JACOBY, J.; BERNING, C. K.; DIETVORST, T. F. What about disposition?. The **Journal of Marketing**, p. 22-28, 1977.
- LIMEIRA, T. M. V. **Comportamento do consumidor brasileiro**. Editora Saraiva, 2008.
- LIN, I.-C.; CHANG, K.-F. A study to explore how disposing old-goods factors influence consumer's behavior. **Journal of Advanced Management Science**, v. 1, n. 4, 2013.
- MILES, M. B.; HUBERMAN, A. M. **Qualitative data analysis: An expanded sourcebook**. sage, 1994.
- MILLER, D. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Zahar, 2013.
- NATT, E. D. M; BARBOSA, B. F; VIEIRA, F. G. D; CARRIERI, A. P. Baixa Renda: O Consumo Simbólico e o Comércio Informal de Acessórios Femininos. **Revista Administração em Diálogo**, v. 19, n. 1, p. 138-163, 2017.
- PERPETUO, F.; PÉPECE, O. M. C. MÃE, CADÊ AQUELA ROUPA?! CRIANÇAS, DESCARTE E AMOR. 12º Colóquio de Moda – 9ª Edição Internacional. João Pessoa. **Anais..Colóquio de moda**. Paraíba. 2016.
- SEGO, T. Mothers' experiences related to the disposal of children's clothing and gear: keeping Mister Clatters but tossing broken Barbie. **Journal of Consumer Behaviour**, v. 9, n. 1, p. 57-68, 2010.

SOLOMON, M. **O Comportamento do Consumidor: Comprando, Possuindo e Sendo**. 7a. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.

SUAREZ, M. C. et al. Oportunidade e desafio em marketing: como e por que as pessoas se desfazem de seus bens?. **Revista Eletrônica de Administração**, v. 17, n. 1, p. 26-57, 2011. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/read/article/view/38699>. Acesso em: 15 nov. 2018.

SUAREZ, M. C. et al. So hard to say goodbye? An investigation into the symbolic aspects of unintended disposition practices. **Journal of Consumer Behaviour**, v. 15, n. 5, p. 420-429, 2016.

SCHOEN-FERREIRA, T. H. et al. Adolescência através dos séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 227-234, 2010.

THOMPSON, C. J.; LOCANDER, W. B.; POLLIO, H. R. Putting consumer experience back into consumer research: The philosophy and method of existential-phenomenology. **Journal of consumer research**, v. 16, n. 2, p. 133-146, 1989.

THOMPSON, C. J. Interpreting consumers: a hermeneutical framework for deriving marketing insights from the texts of consumers' consumption stories. **Journal of marketing Research**, p. 438-455, 1997.

YOUNG, M. M.; WALLENDORF, M. Ashes to ashes, dust to dust: Conceptualizing consumer disposition of possessions. In: **Proceedings of the AMA winter educator's conference**. 1989. p. 33-39.

WALLENDORF, M.; ARNOULD, E. J. "My favorite things": a cross-cultural inquiry into object attachment, possessiveness, and social linkage. **Journal of Consumer Research**, v. 14, n. 4, p. 531-547, 1988.

WAJSKOP, G. O brinquedo como objeto cultural. **Revista Pátio Educação Infantil**, Porto Alegre – RS, Ano V, n. 15, p. 39-41 - Nov. 2007/ Fev. 2008.